



Blumenau em cadernos

TOMO XXVII

*

Janeiro de 1986

*

Nº 1

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVII

Janeiro de 1986

Nº. 1

SUMÁRIO

Página

Figuras do passado	2
O primeiro cirurgião de São Francisco do Sul	10
Comunidade Evangélica	13
Autores Catarinenses	18
Fatos que a história registra: BASILIO CORREIA DE NEGREI- ROS Mito histórico?	19
A História de Blumenau Registra	23
A figura de Gottlieb Reif descrita por Fernando Müller	25
Aconteceu	27
Na História: A origem de um império comercial	28
Livros doados/Estantes enriquecidas	31
BLUMENAU — Texto extraído do livro “Desenvolvimento Econô- mico e Evolução Urbana” de PAUL SINGER	32

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 20.000,00

Número avulso Cr\$ 2.000,00 -- Atrasado Cr\$ 3.000,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 50.000,00 mais o porte Cr\$ 10.000,00 total Cr\$ 60.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Figuras do Passado

O CASAL RUDOLF GÜNTHER E WILHELMINE GÜNTHER

Por Frederico Kilian

Aproveitando informações fornecidas pelo neto deste casal, Bacharel Ivan Claus Günther, recentemente falecido em desastre automobilístico, BLUMENAU EM CADERNOS, prestando-lhes póstuma homenagem, publica aqui algumas facetas da vida deste casal que durante sua vida conjugal viveu na cidade de Gaspar, onde ambos desfrutavam de grande admiração e amizade e onde tiveram destacada atuação na vida social e comercial daquela cidade.

RUDOLF GÜNTHER, nasceu em Pomerode, então distrito de Blumenau, aos 16 de abril de 1890, como filho do professor e colono Karl Günther e Wilhelmine Günther, nascida Persch. Digo aqui "Colono" pois naquela época, os professores das escolas rurais, além de se dedicarem ao ensino das crianças nas escolas, tinham também que se dedicar ao manejo na lavoura, pois o ordenado que lhes era pago pelos colonos, não dava para o seu próprio sustento. Dos 11 filhos que seus pais tiveram, Rudolf era o 4º. deles, hoje já todos falecidos. Rudolf aprendeu as primeiras letras em Pomerode, na escola de seu pai. Aprendidas as primeiras letras, seu pai o levou ao Pastor Runte, em Badenfurt, com quem aprendeu a lecionar e tocar violino. Dado sua manifesta inteligência, seu pai o transferiu para a antiga "Escola Nova" (antecessora do "Pedro II") de Blumenau, na qual aperfeiçoou seus estudos, humanísticos e de música. Na Escola Alemã de Blumenau, foram seus professores, entre outros, o Reitor Strothmann, Prof. Zimmermann e Prof. G.A. Buechler. Concluídos seus estudos na "Escola Nova", de Blumenau, foi convidado a lecionar e dirigir a escola da Comunidade de Gaspar, onde chegou em 1910. Após 5 anos de magistério naquela escola, casou-se, em 29 de maio de 1915, em Pomerode, com Wilhelmine Weege, de cujo matrimônio nasceram 3 (três) filhos — Benno, comerciante em Blumenau, Lauro, comerciante em Pomerode e Dagoberto, comerciante e industrial em Gaspar — e 1 filha, — Eldrita, viúva do industrial Alberto Fritsche, de Gaspar. Rudolf Günther exerceu o magistério durante 28 anos na Escola Particular da Comunidade Evangélica de Gaspar, ensinando aos alunos todas as matérias do currículo do 1º. grau e em especial Português e Alemão. Nesta época também foi professor da Escola Particular da Comunidade Católica de Poço Grande. Foram seus alunos, entre outros, 3 Prefeitos de Gaspar (Julio Schramm, Dorval Pamplona e Paulo Wehmuth) diversos vereadores, além de figuras representativas da vida comunitária de Gaspar.

Pouco antes de falecer, foram tributadas a Rudolf Günther diversas homenagens pela comunidade gasparense, destacando-se a Lei Municipal que deu o nome de "Escola Municipal Professor Rudolf

Günther" à escola localizada em Gaspar Alto. E, por ocasião do des-cerramento da placa, na Escola, usando da palavra, Rudolf Günther, explicou que seu lema, como professor, era "educar com rigor e amor". A certa altura do seu pronunciamento, dirigindo-se ao Juiz de Direi-to, Dr. Fulvio Pretti, de Gaspar, presente à solenidade, disse que um do seu maior orgulho era que nenhum se seus ex-alunos fora jamais processado criminalmente. Com indiscutíveis pendoros musicais, Ru-dolf Günther formou em Gaspar, com Heinrich Penzlien, Hans Deg-gau, Antonio Schneider, Adolfo Altenburg, José Schwartz e Otto Paw-łowsky, um conjunto musical que marcou época na região. Dirigiu por muitos anos um Coral Masculino, formado em Gaspar. Também destacou-se, como ator na vida teatral aqui em Blumenau, pois quan-do, por iniciativa da direção da "Escola Nova" esta encenava alguma peça teatral no velho teatro "Frohsinn" com a participação de seus ex-alunos, era convidado a participar nestas peças, tendo desempenha-do certa vez o papel principal na peça teatral "Götz von Berlichingen", que obteve grande sucesso naquela época e foi muito comentada pela imprensa local. Rudolf Günther foi também, durante longos anos, Presidente da Comunidade Evangélica de Gaspar, desempenhando tarefas não só na administração da Comunidade, como também fazen-do batismos, sepultamentos e ministrando o ensino para a confirma-ção das crianças, em substituição do Pastor de Blumenau, a cuja pa-róquia Gaspar pertencia como distrito.

Destacou-se na vida pública, chegando a ser eleito Vereador e Presidente da Câmara de Vereadores de Gaspar, quando Prefeito o Sr. Julio Schramm. Atuou na política, presidindo por vários anos o Diretório Municipal da UDN — União Democrática Nacional de Gas-par.

Rudolf Günther faleceu em Gaspar, aos 14 de julho de 1972, sendo sepultado no dia imediato no Cemitério da Comunidade Evan-gélica de Gaspar. Faleceu cercado de carinho e respeito de seus fami-liares e amigos, vitimado por enfarte, cuja "causa mortis" sempre de-sejou, aos 82 anos de idade, deixando, além da viúva e filhos, 3 noras, 1 genro, 11 netos e 6 bisnetos.

Por acharmos um valioso complemento à vida do biografado a-cima em companhia de sua esposa Wilhelmine Günther, nata Weege, damos a seguir o teor da entrevista que há anos passados o historia-dor norte-americano George Browne teve com Wilhelmine Günther, quando de suas pesquisas históricas aqui em Blumenau.

ENTREVISTA DE GEORGE BROWNE, EM 20.10.74 COM
WILHELMINE GÜNTHER, COM A PARTICIPAÇÃO DE
IVAN CLAUS GUENTHER.

Ivã — George, já sei qual a primeira pergunta que você vai fa-zer à entrevistada: por que seus pais vieram para o Brasil?

George — Não. Quero que diga quando e onde nasceu.

Oma — Nasci em Pomerode em 3 de Agosto de 1892.

George — Os seus pais eram imigrantes?

Oma — Meu pai chegou com doze anos, e minha mãe com mais ou menos a mesma idade, não sei ao certo.

George — Quanto tempo seus pais estavam em Pomerode, quando a Senhora nasceu?

Oma — Meus pais tiveram quinze filhos, e eu fui a décima segunda. Pelo que me lembro, mamãe nasceu em 1856, e papai em 1855.

Ivã — Fazendo as contas na ponta do lápis chega-se à conclusão que ambos estavam no Brasil há 25 anos, quando a entrevistada nasceu.

Oma — Assim pode ser...

George — Era com que antigamente se casasse cedo?

Oma — Quando se encontrassem, casavam...

George — Queria que a Senhora nos contasse de sua meninice, até a época da escola.

Oma — Entrei na Escola com seis anos, e tenho pouca lembrança da meninice. Lembro-me apenas que era preciso trabalhar muito, porque meu pai exigia muito trabalho de todos.

Ivã — O que fazia Opa Weege?

Oma — Meu pai trabalhava na Construção da Estrada Blumenau-Itajaí e Blumenau-Pomerode. Depois de casado se estabeleceu com casa de comércio. Contava-se que o casamento dos meus pais durou três dias, pois devido às cheias do rio Itajaí, não foi possível aos convidados retornarem à suas casas. No quarto dia meu pai arrumou a trouxa e foi continuar seu trabalho na construção da estrada.

Ivã — Quantos anos depois Opa Weege se estabeleceu como comerciante?

Oma — Não tenho recordação, mas quando eu nasci ele já estava estabelecido.

George — Ela afirmou que seu pai exigia muito trabalho de seus filhos. Que trabalho era este?

Oma — Era meu trabalho plantar aipim, batata e limpar o pasto. Isto mesmo antes dos seis anos. Trabalhávamos em conjunto e éramos severamente repreendidas se o trabalho não tivesse sido bem feito.

George — Este trabalho era feito em que período do dia? De manhã ou à tarde? E quando das aulas?

Oma — As aulas eram pela manhã. À tarde o professor devia plantar o seu pão.

Ivã — Pode-se presumir que antigamente os professores não eram bem pagos...

Oma — A remuneração não permitia ao professor tempo integral no magistério. Tanto é que à tarde o Professor trabalhava. Quando eu entrei para a Escola o Professor ganhava vinte mil-réis, e quando saí ganhava trinta mil-réis.

George — Quantos anos a Senhora passou pela Escola?

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

Oma — Ingressei na Escola com seis anos e deixei de frequentá-la com doze ou treze anos, quando passei a frequentar a doutrina.

Ivã — Explicando: a doutrina é um curso de um ano ministrado para os luteranos, após o que participam da cerimônia religiosa denominada “confirmação”, isto aos quatorze ou quinze anos após o que adquirem certos direitos na vida da comunidade religiosa.

Oma — Tínhamos “doutrina” três vezes por semana, durante uma hora.

George — A Escola era ligada à comunidade luterana?

Oma — Sim, a Escola era extensão da Comunidade Evangélica de Pomerode, onde não existia Escola Pública. O meu Professor faleceu de tétano.

Ivã — O Professor que ensina na Escola e na doutrina era o mesmo?

Oma — Não, quem ensinava doutrina era o Pastor Runte.

Ivã — George, este nome, Pastor Runte, você já deve ter encontrado nas suas pesquisas...

George — Acho que sim...

George — Mesmo que todos trabalhassem muito, deveria, na meninice, haver diversões. Quais eram estas diversões?

Oma — Somente brincávamos nos domingos à tarde. Nos domingos pela manhã ainda trabalhávamos em casa, nos trabalhos de limpeza, que eram iniciados no sábado à tarde.

Oma — Os rapazes (irmãos) eram confirmados com quatorze ou quinze anos, e depois saíam para estudar ou trabalhar fora de Pomerode. Primeiro no Colégio Santo Antônio, depois, Hermann em Curitiba, Wilhelm no Asseburg em Itajai, Gustav também em Blumenau e o Richard “empacou”, pegando sua trouxa e “correu o mundo”. O segundo irmão mais velho ficou em casa cuidando da serraria. Richard parou em Porto Alegre, depois foi a São Paulo, Curitiba, onde foi buscado por Wilhelm que já era casado, para trabalhar na sua casa de comércio. Richard nunca mais voltou para casa, salvo a passeio, pois não se acertava com o pai.

George — E as filhas?

Oma — Das filhas duas morreram: uma com oito anos, outra com doze anos.

Ivã — Quantas irmãs eram?

Oma — Éramos seis. Destas, duas morreram, uma casou cedo e ficamos em três em casa. Papai sempre dizia: as filhas não precisam estudar. Os filhos devem estudar. Papai sempre nos dizia que trabalhássemos bastante, porque o estudo dos rapazes custava muito dinheiro.

George — Quantas diferentes atividades comerciais exercia seu pai?

Oma — Serraria, moinho de milho, funilaria, açougue, casa de comércio, além da roça e criação, especialmente de gado de leite.

George — O que representava muita atividade...

Com que idade as moças se casaram?

Oma — Eu me casei com vinte e dois anos, e minhas irmãs com vinte.

George — E os moços com que idade se casaram?

Oma — Dois irmãos casaram em torno de trinta anos, e os outros casaram entre vinte e cinco e trinta anos.

George — Dos irmãos a maior parte voltou para a região? Que espécie de trabalho desenvolveram?

Oma — Sim, Wilhelm voltou e casou. Recebeu, quando casou uma casa de alvenaria. Hermann, além de receber uma casa de enxaimel, recebeu uma completa casa Comercial, onde ainda hoje está situada a firma Weege. Meu pai tinha como sócio um irmão, Fritz Weege, com o qual se desentendeu. Fritz instalou-se com casa comercial e meu pai instalou para Hermann uma casa comercial bem defronte, com o que Fritz fechou as portas falido, porque Hermann tinha mais estudos e sabia comercializar melhor.

George — Hermann era o mais velho?

Oma — Sim.

George — Os outros filhos receberam auxílio do pai?

Oma — Dos filhos, cinco faleceram antes de completar dez anos. Hermann recebeu o auxílio já falado, Albrecht recebeu a serriaria, uma colônia de terras e uma casa de alvenaria. Gustav recebeu um empreendimento comercial montado em Benedito Novo. Wilhelm recebeu um empreendimento em Jaraguá do Sul. Richard, mais tarde, depois de casado, recebeu um empreendimento em Rio dos Cedros. Emil recebeu apenas uma colônia de terras e uma casa de alvenaria, pois em razão de uma queda, passou a sofrer de deficiências que lhe impossibilitaram o estudo e o trabalho comercial.

George — E as filhas o que receberam?

Oma — Uma casou com um comerciante próspero de Jaraguá e não recebeu nada. A outra recebeu a casa comercial que depois coube a Richard. Eu vim para Gaspar quando nasceu meu primeiro filho, recebi oito contos que deveria depositar em Caixa de Poupança, só podendo movimentá-los quando construimos nossa casa própria, já que por sete anos moramos na casa da comunidade, especialmente construída para o professor, meu marido. A filha mais nova casou e ficou com a casa comercial paterna, alugando-a depois porque seu marido que era caixeiro de seu pai, não tinha pendores comerciais enquanto que ela se dedicou às atividades domésticas. O arrendatário do negócio também não foi feliz, devolvendo a locação antes do término do prazo. Foi então que meu filho Lauro comprou o empreendimento, e nele está instalado até hoje.

George — Quando a Senhora se casou, seu marido já lecionava em Gaspar?

Oma — Sim, ele já lecionava há cinco anos em Gaspar, percebendo 40 mil-réis por mês.

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

George — Então os oito contos eram muito dinheiro...

Oma — Sim. Anos depois de casada, meu pai queria que fôssemos dirigir o negócio em Timbó, com o que meu marido não concordou. Então meu pai comprou-nos um terreno em Gaspar para construirmos nossa casa, tendo meu pai me auxiliado das mais diversas maneiras, sempre com dinheiro. Não recebi herança de menos. Mas, o estudo me faltou.

George — Por quanto tempo seu marido lecionou?

Oma — Por vinte e oito anos, sem querer receber pensão quando deixou de lecionar, alegando que ele poderia se sustentar, sem precisar ser sustentado por ninguém. Na Guerra de 14-18 a Escola foi fechada e passamos dificuldades por inexistência de rendimentos. Meu pai queria que voltássemos a Pomerode, mas meu marido não concordou.

George — Além de lecionar, seu marido exercia outra atividade?

Oma — Não, ele não tinha nenhuma inclinação para outro trabalho que não fosse lecionar. As atividades paralelas eram por mim dirigidas, com o auxílio de empregados.

George — Dos seus irmãos, irmãs, cunhados ou cunhadas, ainda existem alguns vivos?

Oma — Eu sou a última dos meus irmãos e irmãs, tenho um cunhado e uma cunhada ainda em vida.

George — Como era o desenvolvimento destas atividades paralelas. Elas foram iniciadas logo depois que a Senhora chegou, ou após o nascimento das crianças?

Oma — Só depois de dez anos de casados, isto porque as crianças cresciam e o rendimento não chegava. Então começamos com a tafona.

George — Quantos filhos a Senhora tem?

Oma — Três filhos e uma filha, todos vivos.

George — Todos frequentaram a Escola do pai?

Oma — Sim.

George — Eles saíram para estudar fora?

Oma — Não; neste ponto meu marido era retrógrado. Ele não permitiu que saíssem a estudar alegando que deveriam aprender a trabalhar. Dagoberto sempre lia muito a Seleções, com o que se instruiu bastante.

George — O seu marido tinha escola superior?

Oma — Não. Ele frequentou a Escola de Formação de Professores, na Alameda Rio Branco, em Blumenau. Depois de formado recebeu o convite para trabalhar em Gaspar.

George — Por que seu marido deixou de lecionar?

Oma — Primeiro porque o rendimento era pouco. Segundo, ele viu que eu não conseguia vencer sozinha a administração dos negócios. Ele deixou de lecionar pouco antes da II Guerra, na qual aqui, houve sequestros de livros e proibição de se falar o alemão.

Ivã — A respeito das perseguições sofridas pelos alemães na

Guerra, falaremos com outra pessoa que possa entrar em melhores detalhes.

George — Estávamos falando de perseguições na II Guerra. E na I Guerra, houve problemas?

Oma — Pelo que me lembro, os alunos da Escola Pública tiraram a Bandeira alemã e a arrastaram pelas ruas. De outros problemas, não me lembro.

George — Quanto à política, aqui em Gaspar, ela era dominada pelos alemães ou pelos brasileiros?

Oma — Antes de Getúlio não havia atividades políticas. Em determinado dia corria a notícia de que havia eleições, e três ou quatro iam à Escola Pública e votavam, porque até então o voto não era obrigatório. Houve movimentação política apenas depois de Getúlio, e os alemães se vincularam muito, na política local. Mas o interesse dos alemães veio depois com a UDN. Meu marido foi vereador. Foi também Presidente do Diretório da UDN por vinte anos.

George — Vamos chegar mais atrás um pouco. Em Pomerode, as atividades políticas eram da mesma maneira?

Oma — A motivação era em torno das eleições para Intendente. Na época Pomerode era Distrito de Blumenau, tanto é que as escrituras e os casamentos eram feitos em Blumenau.

George — Para votar, era preciso vir a Blumenau?

Oma — Não tenho recordação. Pude fazer meu título de eleitor na época de Getúlio, pois até então eu não votei, já que antes o voto não era permitido às mulheres. Isto não estava certo. Acho que as mulheres devem votar.

Ivã — A Senhora sabe porque seus pais imigraram da Alemanha?

Oma — O meu pai eu não sei. Mas os pais de minha mãe não achavam justo que eles e seus filhos menores continuassem a lavar lã de ovelha com água pela cintura, quando então resolveram sair da Alemanha à procura de melhores oportunidades. O trabalho era muito duro, e as famílias eram muito numerosas, sendo pouca as oportunidades. Na viagem de três meses, pelos veleiros passaram privações, porque o baú de mantimentos se esgotara. Quando desembarcaram aqui, os seus pertences caíram ao mar, de modo que aqui chegaram apenas com a roupa do corpo.

George — As máquinas de tafona e da queijaria, de seu empreendimento, eram fabricadas aqui ou eram compradas?

Oma — Para a queijaria compramos a centrífuga e os tachos de cobre. Para a tafona, os motores elétricos. Todo o restante nós mesmos construíamos.

Ivã — Tenho lembrança de meu avô, sentado, picando as pedras do moinho de milho.

George — A montagem da queijaria e da tafona foi com recursos próprios, ou tiveram auxílio do pai?

Oma — Meu pai nos ajudou. Fizemos tudo de uma só vez.

George — Quanto tempo a Senhora trabalhou sozinha no empreendimento?

Oma — Por uns quatro a cinco anos. Eu atendia na tafona, fazia leitura do leite que vinha, providenciava o fabrico do queijo, etc. Tinha muitos incômodos com a má qualidade do leite. Os colonos não eram muito conscienciosos com o leite que forneciam à queijaria.

George — Então a Senhora abandonou a queijaria cedo, ou quanto tempo ficou com a queijaria?

Oma — Iniciei em 1925, e terminei com a queijaria em 1941. Dezesesseis anos, portanto.

George — O leite e milho que eram beneficiados eram produzidos em Gaspar?

Oma — O leite sim. O milho era comprado em Rio do Sul. Ele vinha de trem até Blumenau, e de Blumenau a Gaspar era transportado por carroça.

George — Mas, a estrada de Ferro não vinha até Gaspar?

Oma — Não, até Gaspar só chegou muito mais tarde.

Ivã — O trecho Blumenau-Itajaí foi inaugurado quando era Presidente Café Filho, bem me lembro.

Oma — Os colonos daqui só plantavam milho para consumo próprio. Para vender plantavam cana e batata. O milho era trazido para a tafona, moído e devolvidos ao colono, que pagava a moagem, que custava 1.200 réis por sacco. Cada sacco de 60 kg de milho dava 52 quilos de fubá. Na época pagávamos 60 mil réis de energia elétrica na tafona, por moinho.

George — Isto quando?

Oma — De 1925 a 1936 tínhamos um só moinho, e este era o preço que pagávamos. Depois que Dagoberto voltou do Exército, compramos mais moinhos, e passamos a pagar mais.

Ivã — Quantos caminhões de milho são beneficiados hoje, por dia?

Oma — Não tenho bem certeza, mas parece que são umas dez ou onze toneladas por dia.

George — Desde o início a tafona foi movida por energia elétrica?

Oma — Sim, desde o início, sendo a energia fornecida pela Força e Luz.

George — Então o motor a Senhora comprou quando instalou a tafona? Veio de Blumenau ou de fora?

Oma — Sim. Compramos o motor em Blumenau.

Ivã — Antigamente se comprava tudo na firma Carlos Hoepcke. Era um verdadeiro supermercado.

Oma — Sim. Tinha de tudo. Ninguém pode imaginar o que era o Hoepcke de antigamente. Os funcionários eram gente de respeito na sociedade: Ritter, Heinrich, Preisig, Hoffmann, Gernhardt.

George — Acho que vamos parar por aqui. A Senhora disse

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

que se plantava muita cana aqui. Mas a Senhora disse que na casa de seus pais também se plantava cana.

Ivã — Sim, mas aqui cabe a explicação: em Gaspar a cana era plantada para ser beneficiada pela Usina de Açúcar, e em Pomerode somente para trato.

Cma — Para o gado, cavalos...

George — Não se fabricava açúcar? Ou aguardente?

Cma — Não, não se fabricava. O Dagoberto tinha um alambique aqui em Gaspar, mas tinha dois empregados que viviam bêbados, e por isto ele parou com o alambique.

George — Acho que tenho muito a remoer com esta entrevista. Mais tarde, depois de ir a Pomerode eu teria mais perguntas.

Ivã — Eu queria esclarecer mais uma coisa: Hermann Weege foi Deputado Estadual à Assembléia Constituinte de Santa Catarina.

Cma — Sim.

Georg — Bom... Acho que hoje podemos encerrar. Tenho muito o que pensar. Muito obrigado!

.....

E assim encerrou-se esta interessante entrevista. Dona Wilhelmina Günther faleceu no dia 26 de Maio de 1981, com a idade de 88 anos, de parada cardíaca, tendo conservado sua lucidez até seus últimos dias.

O primeiro cirurgião de São Francisco do Sul

Antônio R. Nascimento

A valia de nosso pequeno estudo está em que, a partir do estabelecimento do cirurgião pioneiro, a população francisquense passou a contar com a necessária assistência médica, fator basilar da saúde pública e, por conseguinte, do progresso da então vila.

Carlos da Costa Pereira, na sua História de São Francisco do Sul, dá-nos conta de que o primeiro cirurgião foi o licenciado Camilo de Jesus e Silva Pinheiro, aí por volta de 1819, após ter sido ajudante de cirurgião do Regimento de Linha da Província de Santa Catarina, quando estivera nas guerras sulinas (ob. cit, pág. 136).

Tentaremos demonstrar que a primazia médica não cabe a ele, havendo certa dúvida acerca de quem foi esse primeiro cirurgião da Vila de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul, ou, como era seu nome oficial, Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco Xavier do Sul.

Antes disso, informa-nos ainda o sobredito historiador francisquense, o povo dissera à Câmara, a 1.º de outubro de 1753, "que não queria cirurgião que o curasse, nem o suplicante Manoel de Oliveira Cercal, nem outro qualquer", pois queria "se curar e governar na forma que até o presente tinha feito e assim queria fazer em diante" (i-

dem, *ibidem*). A nós nos parece que, por trás desse obscuro episódio, havia algum interesse político escuso, ainda não revelado historiograficamente.

Manoel de Oliveira Cercal era cirurgião "provisionado", não nos parecendo que fosse um "licenciado", ou seja, portador de "carta de ofício". Presumivelmente, tratava-se de singela provisão, excerta do punho de uma das inúmeras autoridades da terra, não do reino, cujos poderes e competência ainda hoje não são devidamente conhecidos, tal a complexidade da máquina administrativa ditada pelo Conselho Ultramarino.

Pela ordem do aparecimento do patronímico CERCAL na cronologia histórica francisquense, Manoel seria o segundo filho do Capitão-mor Antônio de Oliveira Cercal, eleito em 1726 e que governou a vila até 26 de dezembro de 1729, quando requereu à Câmara "que se fizesse a eleição do seu sucessor, visto ter acabado o seu tempo" (*ob. cit.*, pág. 87). Também se achava enfermo, "com quatro fistulas na boca". Essa expressão "acabado o seu tempo" tanto pode significar que se encontrasse velho, como também o término do mandato por ordenação legal. Inclina-mo-nos pela primeira hipótese, tendo em vista que os demais capitães-mores governaram bem mais do que os três anos de Antônio de Oliveira Cercal.

Sendo já velho em 1729, de se presumir, portanto, fosse Antônio de Oliveira Cercal o genearca dessa numerosa e ilustre família do Norte catarinense, hoje ramificada por grande parte do Brasil meridional.

Manoel de Oliveira Cercal seria, provavelmente, seu segundo filho, pois eram próprios da época os direitos de primogenitura e varonia, quando o primeiro filho herdava o nome paterno e a parte mais substancial de seus bens.

É crível, outrossim, que fosse casado com Maria Fernandes do Rosário, falecida aos 21 de abril de 1801, com 90 anos de idade "pouco mais ou menos", já viúva de um Manoel de Oliveira Cercal, que certamente, seria o cirurgião provisionado que a Câmara recusara os ofícios (registros eclesiásticos de São Francisco do Sul, livro de óbitos nº. 1, composto de folhas avulsas, cuidadosamente restauradas). Outro Manoel de Oliveira Cercal morreu aos 4.6.1791, com 55 anos, deixando viúva Francisca Gonçalves, mas, segundo o mesmo critério, seria o primogênito do cirurgião provisionado, pois lhe herdara o nome (*idem, ibidem*). Seu segundo filho seria João de Oliveira Cercal, que sobreviveu à mulher, falecida aos 26.4.1796, com 60 anos (Ana Vieira da Costa). Seus demais filhos seriam José, casado com Helena Correia, e Francisco, casado com Maria Dias Veloso.

Citamos esse esboço genealógico para demonstrar que, a despeito da negativa oficial para exercício de sua profissão, o cirurgião provisionado Manoel de Oliveira Cercal ainda assim se radicou em São Francisco do Sul.

Se Manoel de Oliveira Cercal exerceu ou não suas funções na então Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco Xavi-

er do Sul, como cirurgião provisionado que era, não o sabemos, nem conseguimos averiguar.

O que constatamos — e nisso está nossa modesta contribuição — é que MARCELINO LOPES FALCÃO foi, oficialmente, o primeiro cirurgião a exercer sua profissão em São Francisco do Sul, conforme se vê no registro de falecimento de seu filho Marcelino, certamente o primogênito, datado de 31.3.1790, onde o pai é nomeado “CIRURGIÃO DESTE DESTACAMENTO” (registro eclesiástico citado).

E é quase sempre o infortúnio desse primeiro cirurgião que, por ironia, fornece-nos mais subsídios acerca de sua estada em São Francisco do Sul, pois, além do primogênito Marcelino, falecido com ano e meio de idade, também morre, em 1801, aos cinco anos de idade, seu outro filho de nome Fernando, segundo o assento de óbito firmado pelo vigário. Logo após essa perda, Marcelino Lopes Falcão perde também sua mulher Maria Rosa, aos 23.4.1801, com 30 anos e natural de Paranaguá.

Outro falecimento, outrossim, dá-nos informações acerca da família de Marcelino Lopes Falcão: o do Padre Lourenço Manoel de Lima, aos 11.2.1801, filho do capitão-mor João Pereira Lima. Em seu testamento deixa “25 mil réis a sua afilhada filha do Licenciado Marcelino Lopes Falcão” (sic). Não logramos descobrir o nome dessa filha, mas, da ausência de seu nome nos livros eclesiásticos posteriores a 1801, forçoso é concluir que se tenha retirado da Vila após isso, juntamente com seu genitor, que, igualmente, não mais tem seu nome registrado nos assentos eclesiásticos.

No estudo de Manoel Ferreira de Melo (Escorço Biográfico-Genalógico de um Tronco Ilhéu: a Família Falcão), publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 3ª. Fase, nº. 5, págs. 167 e seguintes, encontramos mais alguns traços biográficos desse primeiro cirurgião efetivo de São Francisco do Sul. Era filho de Paulo Lopes Falcão e de Maria da Costa Assunção. Seu pai, natural de Lisboa, onde estudou, era filho de Braz Lopez Falcam e de Luíza Maria de Assunção, sendo diplomado em cirurgia anatômica e licenciado em medicina. Sua mãe, natural da Colônia do Sacramento, era filha de Agostinho de Deus, ilhéu, e de Eugênia Maria dos Santos, também natural daquela Colônia.

Marcelino Lopes Falcão foi batizado na Matriz de Nossa Senhora do Desterro aos 11.6.1765, sendo que a sua licenciatura foi obtida no Rio de Janeiro. Principiou a clinicar por volta de 1790, segundo referido autor, substituindo seu genitor, tendo sido nomeado, a seguir, ajudante de cirurgia do Regimento de Infantaria do Desterro.

Pelo cotejo das datas referidas acima, vê-se que, possivelmente, seu efetivo exercício da profissão se deu em São Francisco do Sul e

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante de que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

não no Desterro, conforme afirmado pelo criterioso Manuel Ferreira de Melo, pois já em 31.3.1790, como vimos, era intitulado "cirurgião deste destacamento" (registro de óbito de seu primogênito Marcelino).

Seu sucessor em São Francisco do Sul foi Vicente Pires Ferreira, cuja biografia desconhecemos e que lá se casou com a sobrinha do Vigário da Vara Bento Gonçalves Cordeiro, D. Joaquina Anania Dorotheia de Jesus, natural da freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá, filha do Tenente Antônio dos Santos Pinheiro, natural do Rio de Janeiro, e de Ana Gonçalves Cardoso, também natural de Paranaguá. Vicente Pires Ferreira era natural da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da "Alagoa" da Ilha de Santa Catarina, filho de José Francisco Pires, natural da Ilha Terceira, e de sua mulher Quitéria Clara da Conceição, também da Ilha Terceira "dos Assoures" (sic), de acordo com o registro eclesiástico do batizado de Teresa, filha desse segundo cirurgião oficial francisquense, lavrado no livro nº. 5 de batizados, aos 23.10.1804. A sua qualificação de "cirurgião do destacamento desta Vila" extraímos do registro de batizado de Angélica, lavrado no mesmo livro (os anteriores estão perdidos), aos 19.3.1805, filha de Manoel Lourenço e de Maria Clara da Cunha, quando foi padrinho, juntamente com Maria de Assunção Lima, "mulher de Joaquim José de Souza".

Depois disso, nada mais encontramos sobre esse segundo cirurgião oficial de São Francisco do Sul, sendo de se ressaltar, no entanto, que os livros de batizados de nº.s 6 e 7 também estão perdidos. Pelas informações de Carlos da Costa Pereira (op. cit., pág. 136), é de se presumir que Vicente Pires Ferreira tenha permanecido no posto de cirurgião do destacamento até cerca de 1819, quando foi substituído por Camilo de Jesus e Silva Pinheiro, cuja biografia também desconhecemos, mas que certamente lá viveu entre 1818 e 1822.

O terceiro cirurgião foi Manoel Antunes Bueno, que Carlos da Costa Pereira leu Manoel "Antônio" Bueno (ob. cit., pág. 138), aí por volta de 1830. A primeira referência eclesiástica que encontramos foi no assento de batismo de Antônia, batizada pelo Frei José Maria e Silva, com licença do Vigário Marcelino José da Silveira, lavrado aos 10.7.1831, filha de Salvador Afonso Moreira e Justina Maria da Graça, onde padrinhos foram "o cirurgião-mor Manoel Antunes Bueno, por procuração que apresentou Lourenço Manoel de Lima, e D. Francisca Antônia de Jesus, por procuração que apresentou Maria Rita do Espírito Santo". A segunda, do batizado de Antônia, filha natural de Maria Teresa de Jesus, registrado aos 8.8.1833, onde foi padrinho Manoel "Antônio" Bueno. No registro de Guiomar (30.4.1831), filha de Manoel Joaquim de Moraes e Vicência Álvares da Silva, o cirurgião-mor também surge como padrinho e grafado como Manoel "Antônio" Bueno. Nos assentos dos gêmeos Geraldo e João, pretos forros, seus pais, Manoel e Maria, da nação "cabinda", eram escravos de Manoel ANTUNES Bueno. Maria, filha de José Luiz da Costa e Ana Maria de Jesus, cujo termo de batismo foi lavrado aos 9.11.1835, teve por padrinhos Manoel ANTUNES Bueno e Francisca Antônia de Jesus. E, finalmente, no registro batismal de Delfina, filha de Francisco José de

Souza e Ludovina Maria de Jesus, efetuado aos 2.1.1836, pelo Vigário Gregório José Lopes Nunes, vê-se que os padrinhos foram "o cirurgião-mor Manoel Antunes Bueno e sua mulher D. Francisca Antônia de Jesus", a indicar que esse terceiro cirurgião francisquense lá se estabeleceu de modo definitivo, pelo menos por certo lapso de tempo, com escravaria e família.

O quarto cirurgião de São Francisco do Sul foi João Silveira de Miranda, "incumbido da vacina, no começo de 1832 (Costa Pereira, ob. cit., pág. 138), exercendo a profissão simultaneamente com Manoel Antunes Bueno, retirando-se, logo depois, para o Desterro e, em 1839, radicando-se em Curitiba, onde apresentou prova "de cirurgião-mor e diretor do Hospital Militar da Cidade do Desterro", conforme informação de Francisco Negrão, citado por Carlos da Costa Pereira. Esse João Silveira de Miranda nos parece que é o capitão referido na Genealogia de Francisco Negrão (Vol. V, pág. 46), casado, em Curitiba, com Maria Miró Silveira, falecido em 1880, deixando os seguintes filhos ilustres: Coronel Emílio Silveira de Miranda, Major Arlindo Silveira de Miranda, Coronel Augusto Silveira de Miranda, Capitão de Fragata Bernardo Silveira de Miranda e Escolástica Silveira de Miranda, casada com o Capitão Francisco Antônio Nóbrega, além de outros, que adrede omitimos para não nos alongarmos em demasia, fugindo ao assunto versado e à finalidade buscada. A nós nos parece, outrossim, que fosse natural de São Francisco do Sul, sendo, por isso mesmo, seu segundo cirurgião (o primeiro foi Manoel de Oliveira Cercal, cujo nascimento também presumimos ter ocorrido em São Francisco do Sul).

O assunto mereceria maiores digressões a respeito, não fosse a limitação que nos impusemos de início. E, assim fazendo, cometemos injustiça quanto aos outros médicos francisquenses, que, cuidando da saúde pública, deram inestimável contribuição para que a Vila se transformasse na importante Cidade que hoje é. Mas esperamos, quando menos, a compreensão dos descendentes dos esquecidos aqui.

Ante o exposto, quem foi o primeiro cirurgião? Manoel de Oliveira Cercal ou Marcelino Lopes Falcão?

Se Manoel exerceu, de fato, mas não de direito, seu nobre mister em São Francisco do Sul, teria sido ele, então, o primeiro médico francisquense. Se não o fez, o pioneirismo caberia a Marcelino Lopes Falcão.

Em prol de Manoel de Oliveira Cercal, temos os indícios de seu estabelecimento por lá, como a morte de sua mulher, aos 21 de abril de 1801, e de seu primogênito, no mesmo ano. Se lá se radicou, é crível que tivesse exercido sua profissão, ainda que clandestinamente, sem apoio ou reconhecimento oficial.

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

Marcelino Lopes Falcão, cirurgião militar, foi o primeiro médico oficial da Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco Xavier do Sul. Como tal, além de atender ao diminuto número de soldados do destacamento local, também atendia à população local. Donde seu valor, seu mérito incontestável, naqueles tempos difíceis, quando se morria “repentinamente de uma pontada” (Maria do Rosário, 2.3.1786), “desgraçadamente afogado no mar, cujo corpo não apareceu por mais exatas diligências que se fizessem” (João Ribeiro Baião, 5.2.1798), “sem sacramentos por falecer com tanta pressa que os não chegou a receber” (Paulo, forro, 23.11.1788), “por descuido de seu dito marido a quem condenei com dez tostões para a fábrica” (Josefa Dias, 24.4.1789, “sem sacramentos porque vindo enferma a não alcancei viva” (Antônia de Oliveira, 15.7.1789), “repentinamente, picada de uma cobra” (Maria Pires, 3.3.1791), “de uma picada de cobra no lugar de sua roça onde se lhe encontrou o seu corpo” (Ana Maria, 20.2.1794), “de uma facada” (João Fagundes dos Reis, 25.6.1797), “desintéria” (Ana, 1798), “asma convulsiva” (Rosa, 1798), “febre intestinal” (Luiz, 5.4.1798), “aborto” (Bernarda Pereira, 15.3.1798), “mal de parteira” (Salvador Correia de Lemos, 13.12.1798), “atacado de uma espinha na garganta” (Antônio Moreira, 13.6.1798), “de ar” (Luzia Lamim, 1798), de uma gangrena” (Maria de Oliveira, 5.12.1798), “nimios vomitos” (Thomaz Rodrigues, 1798), “fluxo asmático” (Rosa, 17 dias, 1798), “colera morbus” (Jacinto José, 27.1.1799, casado na Ilha de Santa Catarina), “de uma úlcera venenosa de mordida de cobra” (Francisco Rodrigues Gonçalves, 76 anos, 16.11.1798), etc.

A todos esses desditosos eventos acudia o cirurgião-mor. Daí a importância de sua figura naqueles ásperos tempos, onde sua heróica atuação, infelizmente, fica no olvido das mortes que não aconteceram exatamente por sua atuação decisiva.

De se notar, outrossim, que os primeiros registros franciscanos de óbito, onde anotada é a “causa mortis” e reveladoras de diagnose profissional, datam do final do século XVIII, a exemplo dos acima citados. Coincidentemente, vivia em São Francisco do Sul, na mesma época, o cirurgião Marcelino Lopes Falcão, o que nos leva a supor tenha ele examinado os cadáveres antes do sepultamento, juntamente com o Vigário da Vara Bento Gonçalves Cordeiro. O mesmo padre, por volta de 1783, não atestava a “causa mortis”, como se vê no assento de óbito de Manoel Caetano, 13 anos de idade, filho do Capitão João da Silva de Farias, datado de 16.9.1783, “somente com o sacramento da extrema unção por se encontrar sem fala, impedido de expressar”. Tivesse referido sacerdote conhecimentos acerca da Medicina, teria consignado a diagnose da enfermidade que levou aquele jovem à morte.

Fosse o segundo Manoel de Oliveira Cercal o cirurgião provisionado, teria ele atestado a causa da morte, pois faleceu tão-só aos 4.6.1791, ou seja, após o evento citado. Um terceiro Manoel de Oliveira Cercal, provavelmente neto do cirurgião provisionado se encon-

trava vivo em 1796, quando foi padrinho de Antônia, filha de João Francisco Correia (livro nº. 5 de batizados).

Concluindo, podemos afirmar que:

- a) com Marcelino Lopes Oficial, cirurgião oficial do destacamento militar da Vila, São Francisco do Sul passou a contar com um efetivo atendimento médico;
- b) esse atendimento médico foi o primeiro cuidado governamental com a saúde pública francisquense;
- c) a saúde pública teve destacado papel no desenvolvimento na que foi a primeira póvoa catarinense;
- d) a Marcelino Lopes Falcão cabe a primazia de ter sido o primeiro médico francisquense, apesar da atuação ainda não conhecida de Manoel de Oliveira Cercal, dado que foi sempre substituído regularmente a mando governamental.

Fontes: Arquivos do Secretariado Diocesano do Bispado de Joinville:

- a) Livro nº. 5 de batizados;
- b) Livro nº. 1 de óbitos;
- c) Livro nº. 8 de batizados.

Bibliografia:

CCOSTA PEREIRA, Carlos da, História de São Francisco do Sul, Editora da UFSC, 1984;

PIAZZA, Walter F., Santa Catarina: sua História, Edit. Lunardelli, 1983;

CABRAL, Oswaldo Rodrigues, História de Santa Catarina, Grafipar, 1970;

MELO, Manuel Ferreira de, Escorço Biográfico-Genealógico de um Tronco Ilhéu: a Família Falcão, "in" Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 3ª. Fase, nº. 5;

NEGRÃO, Francisco, Genealogia Paranaense, Vol. V, Paraná.

Comunidade Evangélica:

Sociedade Evangélica de Senhoras em Blumenau

No dia 2 de setembro de 1932, a Sociedade Evangélica de senhoras em Blumenau festejou seus 25 anos de atividades. Podemos dizer que a Sociedade cresceu com a própria comunidade. Começou humildemente para tornar-se o que hoje podemos apresentar. A idéia da fundação desta sociedade partiu do Pastor Mummelthey e sua esposa. Os dois estavam cientes da importância da mulher nos trabalhos referentes a comunidade em geral e que se fazia necessário principalmente no estrangeiro. Quinze senhoras foram as primeiras a se matricularem e onze delas podem festejar os seus 25 anos de atividades.

São elas Nanny Pöthig, Johanna Hering, Clara Hering, Auguste Schrader, Wanda Blohn, Hedwig Rischbieter, Agnes Sachtleben e Elsbeth Koehler. A idéia de formar esta sociedade encontrou entusiasmo e já no primeiro ano já contava com 67 associadas.

Logo se fizeram sentir os efeitos da formação desta sociedade que se dividiu em dois campos de atividades: Assistência a doentes e parturientes. Em 1909 chegaram as primeiras irmãs dianonissianas de Zehlendorf. Este foi o início da Sociedade de senhoras.

O trabalho começou a fortificar-se logo que a Sociedade começou a trabalhar em conjunto com a "Sociedade de senhoras para o estrangeiro" em Wittemberg e que escolheu Blumenau para o seu alvo de assistência. Em abril de 1913 duas irmãs iniciaram seu trabalho nos campos de trabalhos acima mencionados, logo receberam o auxílio de um terceira auxiliar. As dependências pequenas e sem conforto logo levaram pensar numa casa maior e mais confortável para a instalação de uma maternidade. Em primeiro lugar se deve agradecer a senhora Johanna Hering que doou o terreno apropriado e em segundo lugar a Senhora Elsbeth Koehler que por doação engrandeceu o terreno. Logo foram desenvolvidos planos mais concretos para a construção e entregues os planos ao arquiteto Sr. Wilhelm Kaulich. No 100 aniversário da Independência do Brasil foi lançada a pedra fundamental do "Johanna — Stift". Centro caritativo Hohanna. A maternidade levava o nome de sua benfeitora e entregue ao público a 30 de setembro de 1923.

Desde o dia em que surgiu a idéia da construção da maternidade e a sua concretização muitos anos de trabalho se passaram, mas como tudo estava baseado numa concreta e sadia construção de sociedade comunitária os planos foram levados a bom êxito. Os sócios sabiam que para sua manutenção e desenvolvimento era necessário muito trabalho em conjunto, mas nunca bateram em vão em portas dos associados que em tudo ajudavam para o desenvolvimento deste estabelecimento. Em julho de 1931, a Sociedade de Senhoras resolveu ampliar a maternidade entregando para a elaboração de novos planos o projeto ao Arquiteto Senhor Franz von Knoblauch, que lhe deu o estilo atual. Nas novas instalações em tudo foi pensado com cuidado, luz, água, instalação sanitárias e dependências para os médicos caso sua presença se fizesse necessária. Assim o "Johanna — Stift" tornou-se um refúgio para muita mãe aflita e a espera de seu filho, sabia ela que lá encontraria mãos acolhedoras e tranquilizadoras nestas horas difíceis. À Sociedade Evangélica de Senhoras devemos os nossos agradecimentos por esta grande obra. À elas nos compete dizer um Muito Obrigado!

(Tradução do folhetim festivo da Comunidade Evangélica de Blumenau por ocasião dos festejos de 25 anos de fundação).

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

Pedro Albeirici, agora residindo em Chapecó, está publicando a segunda edição de seu livro "Literatura Catarinense", cujo objetivo é divulgar nossos autores e dar uma visão sintética de nossas letras para os estudantes de segundo grau e vestibulandos.

O pequeno volume dá à matéria um desenvolvimento cronológico, começando pelas primeiras manifestações literárias em Santa Catarina, o romantismo, o simbolismo, a geração acadêmica, os diversos grupos, etc. Além de uma breve visão da época, o autor fornece os dados essenciais de cada um dos seus expoentes.

Em relação ao panorama atual ele procura não apenas ser o mais completo possível mas também atualizar as informações. Dividindo os autores pelo gênero predominante em sua obra, praticamente todos os que têm se dedicado à literatura em nosso Estado, inclusive alguns bissextos, estão presentes, de modo a fornecer uma visão de conjunto para os que desejam uma informação inicial.

É um livro que tende a melhorar a cada nova edição e que acabará se tornando uma fonte de consulta importante. Merece registro o esforço do autor no constante trabalho de divulgação dos nossos autores, antes no sul do Estado e agora no oeste.

— . — . — . — . — . — . —

"Sangue barriga-verde" é a sanfona em que Jali Meirinho reúne interessantes crônicas de fundo histórico sobre temas como "Dias Velho", "A invasão espanhola", "A República Catarinense", "A Revolução Hercilista", "Os federalistas", "O Contestado" e "A Revolução de 1930". São trabalhos breves, conforme a exigência da publicação, mas de grande interesse para os leitores e curiosos pelos aspectos focalizados.

— . — . — . — . — . — . —

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina promoveu sessão especial comemorativa ao bicentenário de nascimento de Feliciano Nunes Pires, ocasião em que foram entregues os títulos de sócios efetivos e correspondentes admitidos pela instituição em 1985.

— . — . — . — . — . — . —

A Academia Orleanense de Letras, da pequena cidade de Orleans, no sul do Estado, vem mantendo permanente atividade cultural. Além dos constantes encontros, seus integrantes vêm conseguindo publicar uma revista-antologia com seus trabalhos, em prosa e verso, e que já deu a público dois números, o que é motivo de admiração ante as conhecidas dificuldades para empreendimentos desse tipo.

Além disso, a referida Academia tem colaborado na publicação da coletânea "Sinos de Orleans, já em sua décima edição, e que é uma iniciativa do Conselho Municipal de Cultura daquele município, entidade que também se mostra muito ativa.

Novo espaço para os livros surge em Florianópolis. Trata-se da Livraria Vértice, à Avenida Osmar Cunha, nº. 1, dirigida pelo livreiro Ariosto Azevedo, um homem com bom gosto e amor pelas obras literárias, disposto a criar um novo local de reunião e papo para os leitores. É um local amplo e espaçoso, onde os livros são bem visíveis, havendo uma estante especial para os autores catarinenses. Eis aí uma visita obrigatória para quem vai à Ilha.

Fatos que a História registra:

BASILIO CORREIA DE NEGREIROS

Mito histórico?

José E. Finardi

A um folheto que nos chegou às mãos, em cópia xerox e com a solicitação de analisá-lo, não pudemos nos furtar à obrigação de, estudiosos que somos do assunto, fazer algumas considerações, baseados nos próprios elementos em que Mestre Frei Stanislau Schaette se baseou, sobretudo contraditórios em diversos pontos fundamentais. Se não vejamos:

"O Velho Basílio, por 30 anos, foi companheiro fiel do Engenheiro Odebrecht, etc." Nada mais inconsistente. É que, pela "Fé de Ofício" que juntou ao requerimento pedindo sua aposentadoria como Engenheiro do Distrito da Repartição Geral do Telégrafo, se infere que Emilio Odebrecht, dos 35 anos de sua atividade, esteve a serviço da Colônia Blumenau, encarregado da medição de lotes coloniais, de janeiro de 1861 a setembro de 1865, seguindo-se um ano como Voluntário na Guerra do Paraguai, mais sete meses na Colônia D. Pedro e até 1877, na exploração do Alto Itajai e com a estrada Blumenau-Curitiba, não ultrapassando 15 anos. É de se frisar que, nas três expedições empreendidas pelo Engenheiro Emilio Odebrecht, visação a exploração das cabeceiras do Rio Itajai-Açu, no Planalto: a primeira iniciada em fevereiro de 1863, a segunda em maio de 1864 e a terceira, no mesmo mês de 1867, esta com sucesso, via Curitiba, nos apontamentos diários que esse Engenheiro fez relatando as três excursões, referiu-se às turmas que o acompanharam, sendo uma alemã e outra brasileira. Dessas turmas fizeram parte elementos de inteira confiança do explorador, por ele escolhidos — não integrando qualquer delas Basílio Correia de Negreiros que, a esse tempo (1867), ainda permanecia homisiado em Rio Morto. Aliás, já em 1865, Basílio Correa de

Negreiros se homisara em Rio Morto, então inóspito, com outras 35 famílias num total de 224 pessoas, todos brasileiros, vindos de Itajai, Armação, Camboriú e Porto Belo, que aí se havia refugiado a fim de subtrair-se à convocação compulsória ordenada pelo Governo Imperial, visando reforçar as Forças que atuavam no Paraguai.

“No mês de maio de 1871 — informa Frei Schaette, o então vigário de Blumenau Pe. Guilherme Antonio Maria Roemer, subindo o Rio Itajai-Açu, visitou todas as famílias católicas brasileiras, encontrando entre elas “Basílio Correia de Negreiro, onde o Padre costumava pousar.” E continua Frei Schaette — “Em 1874, dias 20 a 27 de janeiro, o Padre João Maria Cybeo, missionário jesuíta de Nova Trento (substituindo o Padre Roemer que deixara a Colônia) “pregou as Santas Missões em casa do Sr. Basílio Correia de Negreiro, no Rio Morto. Por isso recebeu esta morada o nome de “Casa das Missões”.

Basílio Correia de Negreiros, depois da enchente de 1880, mudou-se para Aquidabam, entre a localidade de Morro Pelado, no local onde desemboca um ribeirão que, por esse motivo, levou o nome do primeiro morador: “Ribeirão Basílio.”

Em 1888, dia 16 de julho, sua filha Marcolina Maria Corrêa, consorciou-se com Firmino Garcia de Almeida, ela então residente com seus pais em Aquidabam, ocorrendo o mesmo com a filha BENVINDA BASILIA, casando-se em 15 de MAIO DE 1894 com João Francisco de Carvalho, tudo conforme registro paroquial em Blumenau termo de matrimônio n.º. 48.

Do acima exposto se conclui que Basílio Correia de Negreiros somente depois de 1894 é que se teria mudado para Rio do Sul, onde já havia balsa, então a cargo de Vicente Leite.

O primeiro balseiro, no entanto, foi KARL SCHROEDER, que iniciara a passagem no Braço do Sul, no mesmo lugar onde hoje se encontra a Ponte Curt Hering. Esta primeira balsa era de construção rústica, muito primitiva e fora autorizada pelo Dr. José Bonifácio da Cunha, Presidente do Conselho da Primeira Intendência de Blumenau, por indicação de Gottlieb Reif, consoante se depreende da Ata da Reunião do Conselho, realizada em 3 de março de 1890, logo após os tumultuosos acontecimentos de 7 de janeiro de 1890, quando foram dissolvidas pelo Governador interino Tenente-Engenheiro Lauro Severiano Müller e, criadas em substituição, as Intendências Municipais. Desta primeira Intendência fazia parte como Conselheiro Gottlieb Reif, o qual, já desde 1888, era contratante de alguns trechos do picadão para cargueiros e cavaleiros entre Rio dos Bugres (hoje Apiúna) e a Região Serrana, então denominado Blumenau-Curitibaños, inclusive a primeira balsa sobre o Braço do Sul.

Esta balsa, devido às suas condições precárias, era utilizada para a passagem das mercadorias e arreios das alimárias e estas o faziam a nado. Quando o nível do rio permitia, a travessia era feita um pouco mais acima, à vau e no raso que viria mais tarde a ser conhecido como o raso da Xarqueada.

KARL SCHROEDER, vindo de Aquidabam, no entanto, apenas serviu durante sete meses, vítima que foi de uma emboscada dos in-

dios, obrigando-o e a seu filho de 10 anos, a refugiar-se no pouso da Pastagem (atual Agrônômica), de onde regressaram encontrando seu barraco destruído e seus pertences roubados, inclusive 3 porcos e 3 cachorros. Abandonou, então, as lavouras que fizera, regressando a Apiúna e a travessia ficou sem balseiro até que mais tarde foi assumida por Vicente Leite.



*Basilio Correia de Negreiros
balseiro no Rio do Sul*

Basilio Correia de Negreiros era filho de FIRMINO CORREIA e ROSA LAMIN. Consoante o Livro N.º 1, de Batizados da Paróquia de Blumenau — termo n.º 24 — lavrado em Latim, pelo Pe. Carlos Borgershausen, vigário de Joinville e que em 1874, atendia a Capela abandonada de Blumenau, consta que “BASIL” (sic) nascido em 14-9-1873 foi batizado em 24 de janeiro de 1874, filho esse que em 14-3-1914 casou com Maria Caetana Maurício, na paróquia de Rodeio, matrimônio realizado pelo então jesuita de Nova Trento Pe. Cybeo.

O mesmo consta no batismo de João Basílio Correia, termo n.º 111, nascido em 25-6-1877 e que em 25-8-1903 casou com Paulina Leite, de 19 anos, residente em Trombudo, sendo avós paternos FIRMINO CORREIA e ROSA LAMIN. Esta filiação de Basílio Correia de Negreiros consta nos demais oito filhos do casal, a saber: FRANCISCO, nascido em 24-7-1876, batizado na Capela de Rio Morto; JOSÉ, nascido em 1879 e que em 10-11-1900 casou com Antonia Maria do Rossio, de 18 anos, natural de Blumenau — termo n.º 59; CARLOS BASILIO, nascido em 4-11-1879 (fal. em 15-9-1963) e que em 31-12-1900, em Barra Velha, casou com Engrácia Maria do

— 21 —

Rosário, nascida em 18-1-1892 e falecida em 4-1-1972; MARCOLINA MARIA, nascida em 1870 e que em 16-7-1888, com 18 anos, natural de Itajaí, casou com Firmino Garcia de Almeida, com 24 anos e natural de Curitiba; BENVINDA BASILIO, nascida em 4-3-1875 e que em 15-5-1894 com 18 anos, casou com João Francisco de Carvalho, natural de Porto Belo; MANOEL, nascido em 31-8-1901 e falecido em 4-7-1955 e ainda MARIA e BENTO.

Como vimos, Basilio Correia de Negreiros não foi o primeiro balseiro. É que, com a não efetivação por parte de José Beje de Siqueira e seus genros José Antônio da Cruz e Antônio Bernardo, contratados pelo Dr. Blumenau, em fins de 1879, para o estabelecimento de uma balsa sobre o então denominado Braço do Sul, onde o mesmo intencionava fundar um povoado que antecipara com o nome de HUMAITÁ — só em 1890, já em pleno regime republicano é que KARL SCHROEDER, conforme relatamos, serviu de primeiro balseiro, atendia esta balsa, em virtude do seu malogro, por VICENTE LEITE, seguindo-se então Basilio Correia de Negreiros, como terceiro balseiro.

BASILIO CORREIA DE NEGREIROS também não foi o primeiro morador do Rio do Sul. Conforme, a seguir, relataremos coube esta primazia a AUGUSTO ZIRBEL e JACOB HEUSER e logo depois VICENTE LEITE e seus filhos.

Conforme já salientamos o assento de matrimônio nº 48, da filha Benvinda Basília, casando em 15 de maio de 1894 dá Basilio Correia de Negredo, nesse ano, como residente em Aquidabam, atual Apúna.

Ademais, em "Relíquias Históricas" o dedicado historiador rio-sulense VICTOR LUCAS dá especial ênfase a um documentário de "Francisco Frankenberger — 1891 — abrangendo anotações que se referem desse ano até dezembro de 1900".

"Este documentário — destaca o competente pesquisador — abrange dez anos de vivência no sertão do Alto Vale do Itajaí, atual Município do Rio do Sul, lugar onde se abriu no ano de 1892, a primeira brecha numa espessa floresta que cobria toda esta vasta região, apenas cortada por um estreito picadão, aberto, no ano de 1867, pelo agrimensor Emilio Odebrecht, ligando Blumenau ao Campo. Esta brecha marcou o início da colonização do atual Município do Rio do Sul, e teve, como colono pioneiro, AUGUSTO ZIRBEL, que se fixou naquele ano, às margens do Braço do Sul, nas imediações da atual Albertina. É, portanto, uma data histórica, hoje plenamente documentada por Francisco Frankenberger que veio, com o seu diário, confirmar o que Hermann Heuser, filho de Jacob Heuser, o segundo pioneiro a fixar-se ao lado de Augusto Zirbel, no ano de 1893, verbalmente me legara."

"Todas as notícias deste relatório foram tiradas dos Livros Oficiais da Paróquia de Rodeio".

Possuímos cópia xerox de **TUDO** o arquivo da Paróquia de Rodeio, desde a data em que aí se fixaram os Franciscanos, sucessores do Pe. José Maria Jacobs, inclusive os escritos deste último e mais as

extensas crônicas "In Domine" em língua latina, que traduzimos e a em idioma alemão, que mandamos traduzir, — o que de quase tudo fiz entrega ao Arquivo Histórico da "Casa Dr. Blumenau".

Desse arquivo não constam os informes tais quais Frei Stanislaw Schaeffe os consigna, a maioria ocorridos há mais de 50 anos atrás, possibilitando, assim, as distorções muito compreensíveis dada a distância do tempo decorrido.

BASILIO CORREIA DE NEGREIROS era homem austero, muito piedoso, extremamente devotado à religião católica e pode, com justiça, ser tido como o iniciador do catolicismo na antiga Colônia Blumenau, exceção de Gaspar, onde havia capela independente, — construindo a primeira Capela católica em Rio Morto, onde, no seu retiro forçado, dirigiu, conjuntamente com Manoel Salvador Henrique do Nascimento, mais conhecido por Maneca Salvador, como líder católico, as 35 famílias ali refugiadas até 1871, quando o Dr. Blumenau as encontrou e lhes respeitou a posse, medindo e doando um lote para cada uma e nomeando o respectivo Inspetor de Quarteirão, na pessoa de Laurentino José de Andrade que, além de manter a ordem era encarregado de declarar os nascimentos e óbitos nos registros da Colônia.

O jornal "NOVIDADES" de Itajai, nº. 255, de 18 de abril de 1909, noticiou o falecimento do venerado ancião, ocorrido no dia 4 de abril, com 85 anos de idade e seu sepultamento se deu no dia seguinte, com missa exequial de corpo presente, celebrada por Frei Stanislaw Schaeffe, e com grande afluência de pessoas da localidade, que o tinham como seu líder religioso.

A HISTÓRIA DE BLUMENAU REGISTRA

Carta do Dr. Blumenau à imprensa local, esclarecendo verdades e desfazendo boatos em torno de convocação de jovens alemães para a guerra.

"PREZADA REDAÇÃO

Por inúmeros maiores ou menores artigos, há pouco tempo foram expressadas dúvidas tanto sobre a Colônia Blumenau por mim fundada, assim como sobre minha própria pessoa. Baseado em meus conhecimentos, estou convicto que os mesmos todos partiram de uma só pessoa, que é fonte de obscuras manipulações. Sei que não me dirijo inutilmente a esta conceituada redação, pois sabendo que fez uso de uma ou outra variante dos artigos acima mencionados, também publicar no aqui circulando "Reform" as minhas declarações.

Tomo a liberdade de mencionar aqui, que no ano passado surgiram artigos aqui como na Inglaterra, que na Europa pretendem convocar jovens para o exército brasileiro e marinha brasileira. A embaixada imperial brasileira prestou, em 7 de dezembro do ano passado, uma declaração que estas afirmações e suposições eram mentirosas e que era inútil procurar qualquer consulado para este fim. **O mesmo**

também se refere à Alemanha e a estimada redação prestaria um grande serviço à verdade e dissiparia estas divulgações e maldosas deturpações publicando esta declaração.

Hamburgo, 05 de janeiro de 1869.

Atenciosamente
ass: **Dr. Hermann Blumenau**"

"O nº. 209 de seu jornal traz algumas notícias sobre a Colônia Blumenau por mim fundada no sul do Brasil e para as quais peço permissão prestar alguns esclarecimentos. As mesmas notícias com algumas variações também chegaram a outras redações. Creio que não estou muito longe da afirmação que o escritório de Berlim para divulgação de inverdades e mentiras é o grande responsável. Baseio-me na publicação de uma notícia aqui nos jornais em fevereiro de 1868 que com a interminável Guerra do Paraguai se pretendia convocar jovens europeus para o exército brasileiro, e que dentro em pouco viriam intermediários para a Alemanha. Estes viriam exclusivamente para cá e com promessas e adulações enganariam pobres colonos para mais tarde no Brasil incorporar os mesmos ao exército. Não vieram intermediários, nenhuma convocação foi feita e o próprio ministro da guerra desmentiu todas estas notícias. Assim também rejeitou a oferta de um americano que dispôs com 1000 homens armados auxiliar na Guerra do Paraguai.

Mas sempre alguma coisa fica pendente. Logo agora que no ano passado 1500 colonos alemães na maior parte prussianos e pomeranos candidataram-se a colonizar Blumenau, tenta-se por todos os meios impedir, que novos emigrantes se dirijam para lá. Com as notícias de que em Blumenau estão acontecendo manifestações contra seu diretor por causa dos contratos por ele assinado e que para um controle do mesmo, Dr. Blumenau já seguiu para esta vila um diretor auxiliar. Maior não pode ser a mentira.

Para esclarecimento de outros jornais, como também o seu, tenho o seguinte a declarar: Contratos com emigrantes nunca foram diretamente ou indiretamente assinados por mim, desde que estou na Alemanha. Também rejeito qualquer acusação, que emigrantes foram propositalmente enganados por mim ou outras pessoas. O que foi prometido encontra-se nos prospectos distribuídos.

De diárias pagas a colonos não encontra-se nenhuma palavra, pois um sistema semelhante que apenas favorece a preguiça nunca foi implantado em Blumenau. De revolta e reclamações na colônia, desconheço totalmente sua veracidade, pois sou constantemente informado sobre o bom andamento da colônia. Mas que numa emigração tão grande, tudo não pode correr como programado é natural, mas com a compreensão por ambas as partes tudo se resolverá a contento.

Convoco a pessoa seja que for e onde estiver, aqui, em Blumenau, ou em qualquer lugar do Brasil, que se apresente e prove que eu esteja agindo de má fé com os colonos já radicados ou os que pretendem emigrar.

Hamburgo, 04 de janeiro de 1869.

ass: **Dr. Hermann Blumenau**".

A figura de Gotlieb Reif descrita por Fernando Müller

Belíssimo texto de uma carta enviada à sra. Stahmer.

"São Paulo, 9/abril/1972.

Boa senhora Stahmer!

A sua estimada carta de 27 de fevereiro de 1972 recebi há alguns dias passados, o atraso aconteceu porque a carta foi primeiro ao Paraná e eu já estava morando em São Paulo. Apresso-me a responder a carta agora. Peço desculpar-me por escrever em alemão, mas este tem o seu motivo. Quando ainda moço meu pai dizia: — Meu filho, se queres falar com Deus então fale na língua de teus pais, e isto eu cumpri até hoje.

Parece ser um aviso superior, eu responder a uma carta de uma filha de "Gott Lieb" Reif (Querido Deus) de minha cidade natal. Sim boa senhora Stahmer, se o "Liebe Gott" (Querido Deus) não tivesse na enchente de 1880 tido um Gottlieb Reif a família Ferdinand Müller não estaria entre os vivos, e o nome Müller não seria tão conhecido em Blumenau. Também o velho Daniel Schröeder, cheguei a ver antes da enchente e nunca mais esqueci. O mesmo era um pouco estranho, doceiro e morava em frente à nossa casa na margem direita do Rio na Itoupava. Mesmo a família Bichels conheci pessoalmente; eles mudaram para o planalto serrano após a enchente. As filhas Jenny e Ella Bichels visitei há alguns anos passados por ocasião de minha visita a Blumenau. Naquela oportunidade Dona Jenny ainda contou muita coisa sobre a enchente; ela era oito anos mais velha do que eu, mas lembrava-se muito bem de meus pais. Ao lembrarmos os velhos tempos, lembramos principalmente o valente senhor Gottlieb Reif e de meus pais. Dona Jenny até lembrava-se dos nomes dos cavalos pertencentes a meu pai, pois ela gostava muito de animais.

Mas agora voltamos ao valente e bravo senhor Gottlieb Reif daqueles tempos. Não tenho certeza se já naquela ocasião ele era proprietário de uma serraria na margem do Ribeirão Fidélis, mas quando eu o conheci pessoalmente ele era dono de uma serraria à máquina de vapor, lá no morro onde mais tarde morou o senhor Paul Zimmermann. Lembro-me quando o senhor Reif foi buscar a máquina a vapor em Itajaí. A máquina foi transportada pela Lancha "Walfisch" até Itoupava Norte, de lá foi transportada pelo Senhor Reif por um trenó puxado por oito bois. Foi um verdadeiro dia de festa e o professor Schumann deu folga a todos seus alunos para que pudessem assistir o espetáculo. Não só crianças, mas também adultos foram assistir o transporte da máquina, todos ajudaram na travessia da velha ponte da Itoupava e no bar do velho Wilhelm Seeliger festejaram o acontecimento. Creio que por este acontecimento logo foi iniciada a construção da ponte Zimmermann, perto da encruzilhada para o Ribeirão Fidélis, igualmente sobre este ribeirão foi construída uma ponte de concreto que até hoje existe.

Na serraria do senhor Reif, trabalhava também o jovem Richard Jörg, irmão do também já falecido Emil Jörg. Este jovem Richard tinha por obrigação cuidar dos (2) bois de tração e numa ocasião ao cuidar de um boi um pouco rebelde caiu no monte de cepilho que dias antes tinha sido queimado. Mesmo com as chamas já apagadas a brasa no fundo continuava e o pobre queimou-se gravemente. Apesar de ter rolado até às águas do Ribeirão as queimaduras foram tão graves que no mesmo dia o jovem Richard Jörg faleceu...

Anteriormente eu me referi ao Senhor Prof. Schumann que também foi muito amigo da Comunidade. Senhor Gottlieb frequentemente viajava para a serra e durante uma de suas viagens a sua filha mais moça Frieda adoeceu e morreu. No enterro o Prof. como de costume falou palavras bonitas e comovedoras, as crianças da escola acompanharam a colega, somente o pai não pôde estar presente.

Na enchente de 1880, eu tinha um ano e três meses; eu nasci a 3 de junho de 1879 e o ponto culminante da enchente de 1880 foi no dia 2 de setembro como meus pais sempre contaram. Meus pais moravam na margem esquerda da Itoupava em frente a casa da família Bichels onde mais tarde morou a família Alsleben e como contaram a Serraria do Sr. Klaus Steen foi construída por Sr. Reif também. Nossa casa tinha sido construída à margem do Rio e sempre uma canoa estava por perto para emergência. Agora por ocasião da enchente meu pai quis transportar minha mãe a empregada e a mim e meu irmão para um local mais seguro; no entanto a subida da água não mais permitiu o uso da canoa e com um tiro dado no ar alertou o Sr. Reif que veio em nosso socorro, este veio e nos retirou do telhado da casa. Mais tarde senhor Reif tinha uma serraria na Barra de Itajai; meu pai transportou muita madeira pra lá e então sempre tomava sua cerveja com Sr. Reif e juntos cantavam canções alemãs.

Eu fui durante oito anos cozinheiro no Vapor Progresso onde também tinha uma cantina, ali também muitas vezes os dois tomaram juntos uma cerveja. Senhora Stahmer, espero que este relatório lhe tenha alegrado e envio muitas lembranças, atenciosamente.

Fernando Müller

Rua Serra do Jairé, 649 — fundos
Belenzinho — Capital — São Paulo.”

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

— DIA 3 — Falando à imprensa local, o Secretário de Educação, prof. Carlos Pisetta, que participou dias 28 e 29 de novembro do Congresso Nacional de Secretários municipais de Educação, disse que, no tocante ao percentual de atendimento à criança na faixa etária escolar, Blumenau apresenta uma média de 28 a 30 por cento de estudantes que terminam o 1º. grau, enquanto que a média nacional está em torno de apenas 12 por cento. Sobre o nível de escolaridade dos professores, disse também que em Blumenau, a Rede Municipal de Ensino possui um percentual de 99,7% de habilitação do corpo docente, que é muito superior ao quadro nacional, cuja média apresenta uma defasagem na ordem de 22% de professores habilitados.

* *

— DIA 3 — Às 14,30 horas deste dia, registrou-se a solenidade de entrega, por parte do prefeito Dalto dos Reis, de certificados a 756 pessoas que concluíram os cursos pré-profissionalizantes oferecidos pela Prefeitura de Blumenau, relativo ao segundo semestre de 85. Os cursos são de tricô, crochê, corte e costura, pintura em tecido, cerâmica e gesso, cabeleireira, manicure e costureira e são ministrados pelos centros sociais municipais.

* *

— DIA 10 — Uma comissão de técnicos japoneses especializados em hidrologia encontrou-se com assessores do prefeito Dalto dos Reis para estudar os detalhes cartográficos projetados pela Prefeitura após as últimas enchentes do rio Itajaí-Açu.

* *

— DIA 10 — Segundo balanço distribuído à imprensa, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" revelou que, na Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller", apesar da precariedade do espaço físico em que vem atuando em face da ainda não conclusão do novo prédio, assim mesmo o movimento tem crescido muito com a participação de usuários. O acervo passou de 10.215 volumes para 11.675 durante o ano de 1985, portanto com um acréscimo de 1.460 livros adquiridos ou recebidos por doação. Durante o ano 2.960 pessoas solicitaram empréstimos de obras de literatura, tendo sido feitas 335 consultas no local. A segunda maior procura dos leitores foi de livros de Generalidades e Ficção, com um total de 2.911 consulentes que fizeram empréstimos. Em terceiro lugar, o interesse recaiu sobre História e Geografia, com 175 empréstimos e 1013 consultas, totalizando assim um movimento, durante o ano, de frequência à Biblioteca, de 7.314 pessoas.

* *

— DIA 12 — De acordo com o Decreto Municipal nº. 2.572, o prefeito Dalto dos Reis nomeou os membros do Conselho Curador da Fundação Hospitalar de Blumenau, que permanecerão no cargo pelo prazo de 2 anos. Os novos membros nomeados são: Mauro César Dorigatti, do Poder Executivo; Márcio César Cani, do Poder Legislativo;

Wilberto de Oliveira, da ACIB; Dr. Ernani da Silva, da Associação Médica de Blumenau e Lourival Krüger, da Fundação Universidade Regional de Blumenau.

* *

— DIA 13 — Através do deputado Aldo de Andrade, a Fundação “Casa Dr. Blumenau” recebeu o cheque no valor de 40 milhões de cruzeiros, representando a participação do Governo do Estado, com repasse pela Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, nas obras de construção do prédio que a Fundação constrói destinado à Biblioteca Pública e o Arquivo Histórico.

* *

— DIA 16 — O diretor de Programas Especiais do DNOS, engenheiro Paulo Oscar Baier, assinou convênios no valor de 740 milhões de cruzeiros, com as prefeituras de Brusque, Guabiruba, Ilhota e Gaspar, para a realização de obras de infra-estrutura urbana, destruídas com as últimas enxurradas.

* *

— DIA 16 — Pelo Superintendente Evelásio Vieira, a Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul — SUDESUL — fez o repasse, através do Banco do Brasil, da importância de 50 (cinquenta) milhões de cruzeiros, valor com que aquela entidade contribui para as obras de edificação do prédio que a Fundação está construindo destinado a abrigar a Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller” e o Arquivo Histórico “Prof. J. F. da Silva”.

* *

— DIA 20 — Com a presença de grande número de populares, o governador do Estado, Esperidião Amin, juntamente com o prefeito Dalto dos Reis e outras autoridades, inauguraram duas importantes obras em favor da comunidade blumenauense: a recuperação da ponte “Irineu Bornhausen” e a nova pista asfáltica e maior extensão do aeroporto “Quero-Quero”, situado na Itoupava Central.

NA HISTÓRIA:

A origem de um império comercial

CASA HOEPKE S.A. — CARL HOEPKE SEN.

No dia 14 de janeiro do ano de 1863 embarcou no veleiro “Urania” em Hamburgo, Carl Hoepke, acompanhado de mãe e irmã com destino Itajai, Brasil, para tentar a sorte na colônia Blumenau. Numa carta um tanto humorística, destinada a seu amigo Palm, Carl Hoepke relata seu “debut” no Brasil da seguinte forma:

“Você deve estar lembrado que o propósito do meu objetivo aqui, era tornar-se meu próprio dono, começar uma pequena propriedade. Meu tio presenteou-me, respectivamente minha mãe, para este fim com um pedaço infrutífero de terra e do qual todos os outros pro-

prietários haviam fugido. Mas logo ao lado do mesmo um pequeno pedaço de chão, pertencente a ele também, rico e produtivo. Esta mesma terra meu tio me cedeu a crédito e começamos o negócio. Tudo foi descrito por meu tio, numa carta como "bonito pedaço de terra e muito produtiva", este termo no entanto era por demais fantasioso. A única vantagem encontrada foi o transporte de nossas mulas, caixas e caixotes, com uma carroça até este pedaço de chão.

A situação na chegada à minha "propriedade" nunca esquecerei. Era de tarde, a cerca de 100 passos da estrada, no meio de bananeiras, e entre uma abundante vegetação tropical, estavam escondidos dois ranchos. Na construção destes ranchos não se usa pregos ou outra ferramenta qualquer, cal, pedras ou telhas não são necessárias. Muito poético para quem não precisa morar neles. Tudo é feito de palmeiras, quatro grossos troncos de palmeiras colocados em quatro cantos, folhas de palmeiras como parede e telhado, tudo amarrado com cipós da floresta. O chão era como Deus criou, nem pisado, o que comprovava a abundante flora que ali crescia.

O vento soprava por entre as "colinas" representadas por largas frestas na parede de palmeira não tapadas. Uma das choupanas desencantou-se em "moradia" propriamente dita, a outra era destinada à "arte culinária"; as duas novamente eram ligadas por um tronco, que os moradores anteriormente também usaram para o corte de lenha. Depois que o cocheiro ajudou a descarregar nossa bagagem e ajudar a abrir uma clareira na "moradia", foi embora e nós entregues à própria sorte. Pessoalmente pouco me afetou esta situação, mas um olhar para minha mãe, já um pouco idosa e minha irmã de 14 anos, fez nascer em mim um sentimento vago de abandono, remorso e receio do futuro. Porém como a fome e o amor conservam a engrenagem do mundo, o último se manifestou violentamente. Após ter remado durante a noite toda rio acima, como um velho e experimentado barqueiro e agora já instalado na nova casa eu sentia realmente uma fome de leão.

Almoçamos feijão, carne-seca e farinha de mandioca, e no dia seguinte foi servido farinha de mandioca, carne-seca e feijão. Estas refeições certamente eram apropriadas para a mesa e a mesa para elas e ambas fazem parte da vida de um imigrante que chegou aqui sem um centavo no bolso. Não recomendo a ninguém esta receita, mesmo àqueles que tem um pouco de dinheiro. No início as pessoas tropeçam aqui e é difícil fixar o pé. Algumas caixas que vieram na nossa bagagem, deixamos para que servissem de armários e cômodos, do restante fabriquei banquetas e uma mesa. No que se refere ao trabalho este caso também foi resolvido satisfatoriamente. Meu primeiro inspetor e peão fui eu em pessoa. Minha mãe cozinhava para nós e cuidava dos animais que se resumiam em algumas galinhas e dois porcos. Minha irmã como verdadeira camponesa trabalhava na lavou-

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

ra; eu cortava grandes árvores como velho entendido no assunto.

Sapatos, meias, paletó e gravata etc. foram guardadas ou melhor dizendo abolidas como luxo e extravagantes..."

X X X

Assim Carl Hoepke viveu 3 anos a vida de um colono pioneiro, até que uma carta de seu tio F. Hackradt o chamou para Desterro, onde trabalhando poucos anos como contador passou a chefe de empresa. A casa comercial e as fábricas da firma Hoepke progrediram com uma sábia e ativa direção, alcançando um tal vulto que nenhuma outra firma no Estado de Santa Catarina ou no sul chegaram a se igualar com ela.

Com a vida da colônia alemã em Florianópolis o nome Carl Hoepke está intimamente ligado. Pertencia ao Club Germânia desde a sua fundação e em 1921 por sua iniciativa foi reconstruindo o mesmo depois de sua depredação e demolição durante a primeira guerra mundial. Também a comunidade evangélica e a igreja devem muito a ele, assim como o padre da igreja católica P. Topp. No entanto maior atenção ele deu à Escola Alemã a qual ajudou em todos os sentidos. Antes da guerra já foi por muitos anos cônsul honorário da Alemanha e quando em 1922 foram reatadas as relações Sta. Catarina e Alemanha, mesmo aos 78 anos aceitou novamente o cargo de cônsul honorário. Dois anos mais tarde a 8 de janeiro de 1924 a morte arrebatou aos 80 anos Carl Hoepke de sua atividade. Seus filhos Max e Carlos Hoepke continuaram a obra do pai.

—————//—————

Sobre os primeiros alemães que chegaram em meados do século passado a Florianópolis, não se tem muitos dados a não ser de Ulrich Häberle, senhor von Fenerbach da Baviera e Johann David Killenberger, de Massau. Ulrich Häberle foi oficial no Rio de Janeiro, abriu um negócio numa colônia alemã e veio mais tarde para Florianópolis. Seu negócio ficava em frente ao Mercado Público e foi ele o primeiro a introduzir os preços fixos, tinha vários escravos e era considerado um homem abastado. Casado com uma brasileira, traído por ela, morreu quase pobre na casa do Sr. A. C. Ebel depois de haver passado seu negócio, muitos anos antes em 1857 ao Sr. Ferdinand Hackradt.

—————//—————

Senhor von Fenerbach tinha uma padaria na Praia de Fora com local de venda. Mandou construir sua residência de acordo com os moldes do castelo de seus antepassados na Baviera. Era um excelente tocador de cítara.

—————//—————

Johann David Killenberger era soldado e recebeu um lote em Piedade, veio mais tarde para Florianópolis onde se fixou como marceneiro. Certamente havia outros alemães antes destes em Desterro, mas pouco ou quase nada se sabe sobre eles.

—————//—————

Ferdinand Hackradt, nasceu em 1819 no marco de Brandenburg, veio em 1848 ou 1849 para o Brasil e foi padrinho na fundação

de Blumenau. Seu primeiro negócio foi um engenho de arroz com A. C. Ebel na Praia de Fora e uma pequena charutaria. Em 1857 assumiu o negócio de Ulrich Häberle. Em 1864 pela primeira vez é citado o nome de André Carlos Ebel como sócio.

Em 1866 Ferdinand Hackradt mandou buscar seu sobrinho Carl Hoepke como contador. O mesmo viera em 1863 como colono para o Brasil, precisamente Blumenau. Com a ida dele a Desterro começa verdadeiramente a história e progresso da casa comercial fundada por Häberle. Hackradt é levado pela iniciativa e larga visão de Carl Hoepke e seus filhos a progressista Casa Hoepke S.A. de hoje em dia.

A casa comercial mudou várias vezes de nome devido a mudança da razão social, para citar: Carl Malburg, Max Hoepke. A firma atual está registrada sob o nome Carlos Hoepke S.A. sendo seu chefe e alma do negócio Carl Hoepke Jr. A firma abriu filiais em várias cidades do Estado como: Blumenau, Laguna, Lages e São Francisco. A casa também se dedicou à importação e exportação. A fábrica de rendas foi adquirida em 1913 do senhor Rochard Ebel e tomou impulso com a direção de Carl Hoepke sob o nome de "Fábrica de Rendas e Bordados Hoepke". Nos anos de 1920, 1923 e 1927 foram feitas grandes e modernas ampliações na mesma.

//

(Tradução: Edith Sophia Eimer. Tirado do livro: Lembranças do Centenário da imigração alemã em Santa Catarina — Autor: Gottfried Eutres. Publicado pela Livraria Central — Alberto Eutre e Irão — Florianópolis — 1929.)

Livros doados - Estantes enriquecidas

Para a direção e funcionários da Fundação "Casa Dr. Blumenau" e especialmente para os usuários da Biblioteca, é muito grato o registro que vamos fazer. Trata-se do recebimento, durante o ano de 1985, como resultado de contatos feitos com a comunidade, de importantíssimas doações de livros valiosos, especialmente no campo da literatura. Recebemos nada menos do que 946 obras, sem contar-se o grande número de revistas de várias origens, também muito pesquisadas em nossa Biblioteca. Mas, a grande quantidade de livros que foram doados, veio enriquecer sobremaneira as estantes da Biblioteca "Dr. Fritz Müller" e assim, ao par dos livros que, com recursos auferidos vamos adquirindo, estaremos em condições de, a partir de março, quando já estaremos atendendo aos usuários no novo prédio e, portanto, em novas instalações, oferecer melhor serviço e mais volumes para incentivo à leitura da juventude e do povo blumenauense em geral, um dos nossos maiores objetivos no campo literário.

É, pois, com alegria e com os melhores agradecimentos que vamos registrar, aqui, os nomes daqueles que atenderam, em 1985, ao nosso apelo, doando livros e que esperamos outros cidadãos que possuam suas bibliotecas particulares, se animem a oferecer seus livros a esta Biblioteca que é pública, ajudando com isso, o nosso trabalho

em favor da cada vez maior aculturação da nossa gente através das gerações atuais e futuras. Eis a relação de doadores em 1985: Sérgio Luiz Madeira, 1 volume; Edson Passold, 1; Karin Mueller, 100; Bruno Otaviano Beduschi, 304; Rolf C. W. Lauterjung, 208; Walter Leyen, 21; Otto Adolfo Stein, 10; Domingo Maximiliano Panaccioni, 9; Leopoldo R. Martins, 30; Edith Kormann, 12; Livraria Catarinense, 3; Avelino Sanches, 68; Ana de Oliveira, 14; Alberto Maduar, 28; Livraria Blumenauense, 1; Rosana Gatner, 1; João da Matta P. Gomes, 5; Iurgen e Günther Buhr, 111, num total de 946 livros.

Cs nossos renovados agradecimentos pelas doações.

B L U M E N A U

Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER

(Continuação do número anterior).

Em 1869, exportaram-se mercadorias no valor de 143.000\$000 e importaram-se no valor de 180.000\$000. O déficit persiste, coberto por reservas monetárias dos imigrantes (*) e pelos investimentos do governo. Em 1859 as exportações alcançaram 14\$000 *per capita*; em 1869 elas chegaram a 24\$000 *per capita*, o que mostra uma maior integração da economia de Blumenau no mercado nacional, mesmo em termos relativos. Como se explica isso? É preciso considerar, em primeiro lugar, que a década dos sessenta do século passado assiste ao início de um dos grandes ciclos de expansão do Setor de Mercado Externo de nossa economia: o ciclo do café. O valor total das exportações brasileiras, que no início da década é de cerca de 13 milhões de libras, mantém-se acima do nível de 15 milhões de 1865 em diante. A partir de 1866 a exportação de café oscila entre 3 e 4 milhões de sacas anuais, em confronto com a década anterior, em que ela atinge 3 milhões apenas durante 3 anos (1854, 1855 e 1856). Esta expansão do Setor de Mercado Externo, animado principalmente pela construção de estradas de ferro, ao redor do Rio de Janeiro, que se torna, nesta época, notável centro comercial. Tudo isto vai levar a um aumento da procura no mercado interno, principalmente por madeira, que constitui então, uma das mais importantes matérias-primas para a construção civil.

(*) Em 1868, além de uma exportação de 53 contos, as vendas a colonos recém-chegados atinge a soma de 25,5 contos. As importações foram de 98 contos. O déficit de 45 contos foi portanto coberto do seguinte modo: 25,5 contos pelos recém-vindos e 19,5 contos por inversões do governo.

(Continua)

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA